

PNEUMATOGRAFIA OU ESCRITA DIRETA – PNEUMATOFONIA

Escrita direta

146 A *pneumatografia** é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem nenhum intermediário. É diferente da psicografia**, que é a transmissão do pensamento do Espírito escrito pela mão de um médium.

O fenômeno da escrita direta é, sem dúvida, um dos mais extraordinários do Espiritismo; porém, por mais anormal que possa parecer de início, é hoje um fato verificado e incontestável. Se a teoria é necessária para se dar conta da possibilidade dos fenômenos espíritas em geral, ela o é ainda mais nesse caso, sem dúvida um dos mais estranhos que se possa apresentar, mas que deixa de parecer sobrenatural desde que se compreenda o princípio.

Na primeira vez que esse fenômeno foi revelado, o sentimento dominante foi o da dúvida; a idéia de um embuste logo veio ao pensamento; de fato, todas as pessoas conheciam a ação das tintas chamadas simpáticas ou invisíveis, cujos traços de início não se vêem, mas aparecem depois de algum tempo. Havia, pois, a suspeita de ter-se abusado da credulidade, e não afirmamos que isso nunca tenha sido feito; estamos até convencidos de que algumas pessoas, seja por objetivos comerciais, seja unicamente por amor-próprio e para fazer acreditar em seu poder, têm empregado esse subterfúgio (Veja o capítulo 28, “Charlatanismo e trapaça”, item nº 2, “Fraudes espíritas”).

Mas, pelo fato de se poder imitar uma coisa, seria absurdo concluir que ela não existe. Não se tem, nesses últimos tempos, encontrado o meio de imitar a lucidez sonambúlica a ponto de causar ilusão? E, pelo fato de exibirem essa enganação em tantos espetáculos, deve-se concluir que não existem verdadeiros sonâmbulos? O fato de alguns comerciantes venderem vinho falsificado é razão para não haver vinho puro? O mesmo acontece com a escrita direta; as precauções a serem tomadas para se

* **Pneumatografia:** (do grego *pneuma*, ar, sopro, vento, espírito, e *graphô*, escrevo). Escrita direta dos Espíritos sem o auxílio da mão de um médium (N.E.).

** **Psicografia:** escrita dos Espíritos pela mão de um médium (N.E.).

certificar do fato eram, aliás, bem simples e bem fáceis, e, graças a essas precauções, não se pode hoje lhe opor nenhuma dúvida.

147 Uma vez que a possibilidade de escrever sem intermediário é um dos atributos do Espírito e que os Espíritos sempre existiram e sempre produziram os diversos fenômenos que conhecemos hoje, eles também devem ter produzido o fenômeno da escrita direta na Antiguidade tanto quanto nos dias atuais; é assim que pode ser explicada a aparição das três palavras no salão de festas de Baltasar¹. A Idade Média, tão fecunda em prodígios ocultos, mas que foram abafados nas fogueiras, também deve ter conhecido a escrita direta e talvez encontrasse na teoria das modificações que os Espíritos podem operar sobre a matéria, e que desenvolvemos no capítulo 8, “Laboratório do mundo invisível”, o princípio da crença na transmutação dos metais.

Quaisquer que tenham sido os resultados obtidos em diversas épocas, foi apenas depois da popularização das manifestações espíritas que se levou a sério a questão da escrita direta. O primeiro que a difundiu em Paris nos últimos anos foi o barão de Guldenstubbe, que publicou sobre esse assunto uma obra bastante interessante, contendo um grande número de fac-símiles das escritas que obteve*. O fenômeno já era conhecido nos Estados Unidos há algum tempo. A posição social do barão de Guldenstubbe, sua independência, a consideração de que desfrutava nas mais altas rodas afastam incontestavelmente toda suspeita de fraude voluntária, pois ele não poderia ter sido movido por nenhum motivo de interesse. Quando muito, o que se poderia supor é que teria sido vítima de uma ilusão; porém, em relação a isso, um fato responde categoricamente: a obtenção do mesmo fenômeno por outras pessoas cercadas de todas as precauções necessárias para evitar qualquer fraude ou qualquer motivo de erro.

148 A escrita direta é obtida, assim como a maior parte das manifestações *não-espontâneas*, por meio do recolhimento, da prece e da evocação. Muitas vezes, são obtidas em igrejas, sobre os túmulos, aos pés de estátuas ou de imagens de personagens que são evocadas; mas é evidente que a localidade não tem outra influência senão a de provocar um maior recolhimento e uma concentração maior do pensamento; porque está provado que ela pode ser obtida igualmente nos lugares mais comuns, sobre um simples móvel doméstico, se houver as condições morais necessárias e se houver alguém com a faculdade mediúnica necessária.

1 - **Baltasar**: personagem bíblico. Rei da Babilônia. Quando oferecia um grandioso banquete em seu palácio, surgiram dedos humanos que escreveram três palavras na parede (N.E.).

• *A realidade dos Espíritos e de duas manifestações*, demonstrada por meio do fenômeno da escrita direta pelo barão de Guldenstubbe, 1ª vol. In 8º, com 15 estampas e 93 fac-símiles (N.K.).

No princípio, acreditou-se ser preciso colocar um lápis e um papel; o fato podia, então, até certo ponto, ser explicado. Sabemos que os Espíritos operam o movimento e o deslocamento de objetos, que eles os pegam e os lançam, algumas vezes, bem longe; eles poderiam, então, muito bem apanhar o lápis e escrever; visto que fazem isso pela mão do médium, por uma prancheta etc., poderiam igualmente fazê-lo de uma maneira direta. Porém, não tardou para que se verificasse que a presença do lápis não era necessária e que bastava um simples pedaço de papel, dobrado ou não, para que nele, após alguns minutos, aparecesse a escrita. Aqui o fenômeno muda completamente de aspecto e nos lança para uma ordem de coisas inteiramente nova. As letras foram escritas com uma substância qualquer; a partir do momento que ninguém forneceu essa substância ao Espírito, então, foi ele mesmo quem a fez; de onde a tirou? Aí estava o problema.

Se quisermos nos reportar às explicações dadas no capítulo 8, questões nºs 127 e 128, encontraremos a teoria completa desse fenômeno. Nessa escrita, o Espírito não se serve nem de nossas substâncias nem de nossos instrumentos; ele mesmo faz a matéria e os instrumentos de que precisa, tirando seus materiais do elemento primitivo universal, que, pela ação de sua vontade, sofre as modificações necessárias para o efeito que ele quer produzir. Ele pode, portanto, muito bem fabricar tanto o lápis vermelho, a tinta de imprimir, a tinta comum quanto o lápis preto ou até mesmo caracteres tipográficos bastante resistentes para dar relevo à escrita, conforme pudemos verificar. A filha de um senhor que conhecemos, uma criança de uns doze ou treze anos, obteve páginas inteiras escritas com uma substância amarelada parecida com o lápis pastel, uma espécie de lápis de cera.

149 Tal é o resultado a que nos conduziu o fenômeno da tabaqueira relatado no capítulo 7, “Bicorporeidade e transfiguração”, questão nº 116, e sobre o qual nos estendemos longamente, porque nele encontramos a ocasião de observar uma das leis mais importantes do Espiritismo, lei que pode esclarecer mais de um mistério até mesmo do mundo visível. É assim que de um fato, aparentemente comum, pode sair a luz. Tudo está em observar com cuidado, e isso cada um pode fazer como nós, desde que não se limite a observar os efeitos sem lhes procurar as causas. Se nossa fé se fortalece a cada dia, é porque compreendemos; tratai, então, de compreender, se quereis fazer seguidores sérios. Quando se compreende as causas, há ainda um outro resultado: consegue-se traçar uma linha divisória entre a verdade e a superstição.

Se considerarmos a escrita direta sob o ponto de vista das vantagens que pode oferecer, diremos que, até o momento presente, sua principal

utilidade foi a constatação de um fato importantíssimo: a intervenção de um poder oculto que nos mostra um novo meio de se manifestar. Porém, as comunicações que são obtidas dessa forma raramente são extensas; geralmente são espontâneas e limitadas a palavras, frases e, muitas vezes, sinais ininteligíveis; elas têm sido obtidas em todas as línguas: em grego, latim, sírio, em caracteres hieroglíficos etc., porém ainda não se prestaram às dissertações seguidas e rápidas, como conseguimos com a psicografia, a escrita pela mão dos médiuns.

PNEUMATOFONIA

150 Os Espíritos, podendo produzir barulhos e pancadas, também podem muito bem fazer com que sejam ouvidos gritos de toda espécie e sons vocais imitando a voz humana, tanto ao nosso lado quanto no ar; é esse fenômeno que designamos sob o nome de *pneumatofonia**. Pelo que conhecemos da natureza dos Espíritos, podemos compreender que alguns deles, quando são de uma ordem inferior, se iludem e acreditam falar da mesma forma como quando eram vivos (Veja na *Revista Espírita*, fevereiro de 1858, “História da aparição da senhorita Clairon”).

É preciso, entretanto, ter cuidado para não tomar por essas vozes todos os sons que não têm uma causa conhecida ou simples zumbidos e, principalmente, não acreditar que há verdade na crença popular de que, quando o nosso ouvido zune, é porque estão falando de nós em algum lugar. Esses zumbidos, cuja causa é puramente fisiológica, não têm, aliás, nenhum sentido, enquanto que os sons pneumatofônicos exprimem pensamentos, e é somente por isso que podemos reconhecer que são provenientes de uma causa inteligente, e não acidental. Podemos estabelecer, em princípio, que os efeitos *notoriamente inteligentes* são os únicos que podem atestar a intervenção dos Espíritos; quanto aos outros, há pelo menos cem probabilidades contra uma de provirem de causas fortuitas, acidentais.

151 Muitas vezes, quando estamos meio adormecidos, acontece de ouvirmos distintamente palavras, nomes, algumas vezes, até frases inteiras, que são ditas com tanta intensidade que acordamos espantados. Pode ser, em certos casos, que isso seja realmente uma manifestação, mas esse fenômeno não tem nada de positivo para que também não possa ser atribuído a uma causa semelhante à que desenvolvemos na teoria da alucinação, capítulo 6, “Manifestações visuais”, questões nºs 111 e

* **Pneumatofonia:** (do grego *pneuma*, ar e *phoné*, som ou voz). Voz dos Espíritos; comunicação oral dos Espíritos sem o auxílio da voz humana (N.E.).

seguintes. O que escutamos dessa maneira não tem, de resto, nenhuma conseqüência; o mesmo não acontece quando estamos completamente acordados, porque nesse caso, se é um Espírito que se faz ouvir, podemos quase sempre ter com ele uma troca de pensamentos e manter uma conversação regular.

Os sons espíritos ou pneumatofônicos têm duas maneiras bem distintas de se produzirem; algumas vezes é uma voz interior que repercute no foro íntimo; porém, ainda que as palavras sejam claras e distintas, não possuem nada de material; outras vezes, são exteriores e distintamente articuladas, como se viessem de uma pessoa que estivesse ao nosso lado.

Seja qual for a maneira de se produzir, o fenômeno da pneumatofonia é quase sempre espontâneo e só muito raramente pode ser provocado.